

Carla Sousa¹

Master in Science Information from Florianópolis, Brazil

Biblioterapia no Brasil e na Polônia: uma análise a partir de artigos publicados entre 2000 e 2015 em periódicos brasileiros e poloneses

Bibliotherapy in Brazil and Poland: an analysis based on articles from Brazilian and Polish scientific journals published between 2000 and 2015

Abstract

I present an analysis of the Bibliotherapy practices in Brazil and Poland based on articles from Brazilian and Polish scientific journals. I specifically address the Developmental or Educational Bibliotherapy, which admits the participation of several professionals as applicators, among which we highlight the librarian. The main objective of this article is to analyze the characteristics of the practice of the Developmental Bibliotherapy in Brazil and in Poland based on Brazilian and Polish articles published between 2000 and 2015. The specific objectives were divided into three categories that guided the analysis of the material: who executes; where it executes; and how and to whom it executes. From the analysis of the selected material it was possible to observe the low participation of librarians in the practice of Bibliotherapy in Brazil compared to the examples described in Polish articles. In addition, Brazilian libraries do not appear among the main sites of application of Bibliotherapy in Brazil, different from what was observed in the Polish case, where the practice is very present in libraries. Regarding the way of doing and the public, I have seen many similarities, such as the preference for literary texts and the emphasis on dialogue and interaction in the bibliotherapeutic practice. Based on the material analyzed, it was possible to perceive that the universe of Bibliotherapy presented from the Brazilian scientific articles is somewhat limited compared to what was verified in relation to Poland, where the presence of the librarian and the library is strong. Finally, I believe it is relevant to carry out more research in this area in order to have a broader view of the universe of Bibliotherapy, both in Brazil and in other countries, such as Poland.

Keywords

Bibliotherapy. Developmental Bibliotherapy. Librarian. Bibliotherapy in Brazil. Bibliotherapy in Poland.

Resumo

Apresento uma análise da prática da biblioterapia no Brasil e na Polônia com base em artigos de periódicos brasileiros e poloneses. Abordo especificamente a Biblioterapia de Desenvolvimento, ou Educacional, que admite a participação de diversos profissionais como aplicadores, dentre os quais destacamos o bibliotecário. O objetivo principal deste artigo é analisar as características da prática da Biblioterapia de Desenvolvimento no Brasil e na Polônia com base na literatura científica brasileira e polonesa publicada entre 2000 e 2015. Os objetivos específicos foram divididos em três categorias que orientaram a análise do material, são eles: quem executa; onde executa; e como e para quem executa. A partir da análise do material selecionado foi possível observar a pouca participação de bibliotecários na prática da Biblioterapia no Brasil comparado com os exemplos dos artigos da Polônia. Além disso, as bibliotecas brasileiras não aparecem entre os principais locais de aplicação da Biblioterapia no Brasil, diferente do que foi ob-

¹ carla_sou@hotmail.com

servado no caso polonês, onde a prática está muito presente nas bibliotecas. Em relação ao modo de fazer e ao público, verifiquei muitas semelhanças, como a preferência por textos literários e a ênfase no diálogo e na interação na prática biblioterapêutica. Com base no material analisado, foi possível perceber que o universo da Biblioterapia apresentado a partir dos artigos científicos brasileiros é um tanto limitado comparado ao que foi verificado em relação à Polônia, onde é forte a presença do bibliotecário e da biblioteca como espaço da realização das atividades. Por fim, acredito ser relevante a realização de mais pesquisas nessa área a fim de poder ter uma visão mais ampla sobre o universo da Biblioterapia, tanto no Brasil quanto em outros países, a exemplo da Polônia.

Palavras-chave

Biblioterapia. Biblioterapia de Desenvolvimento. Bibliotecário. Biblioterapia no Brasil. Biblioterapia na Polônia.

Introdução

A Biblioterapia é compreendida como um campo interdisciplinar e tem suporte em diferentes áreas, tais como a Biblioteconomia, Literatura, Psicologia e Filosofia. Entendo que a Biblioterapia é o cuidado com ser por meio de histórias lidas, narradas ou dramatizadas. A prática biblioterapêutica está dividida em dois tipos: Desenvolvimento e Clínica. Neste artigo, enfatizo o primeiro tipo, por se tratar de uma atividade que pode ser exercida por diversos profissionais, tais como o bibliotecário, professor e o pedagogo. Enquanto o segundo tipo está mais restrito aos profissionais da área da saúde.

Esclareço também a utilização do termo interagente ao me referir aos participantes das atividades, pois compreendo que aqueles que participam das atividades de Biblioterapia tem uma posição ativa no processo, que envolve a interação com os demais participantes, com o texto e consigo mesmo. Além disso, também utilizo a expressão aplicador de Biblioterapia para fazer referência àqueles que conduzem a atividade biblioterapêutica. Essa expressão, segundo Caldin (2010), é mais adequada do que o uso do termo biblioterapeuta, pois o profissional que conduz a atividade não pode ser visto como um terapeuta, ele atua apenas como um facilitador, um mediador do processo onde a história irá atuar de forma terapêutica.

O objetivo principal deste artigo é analisar as características da prática da Biblioterapia de Desenvolvimento no Brasil e na Polônia com base na literatura científica brasileira e polonesa publicada entre 2000 e 2015. Os objetivos específicos são: a) identificar a participação de bibliotecários no fazer biblioterapêutico no Brasil e na Polônia; b) apontar os principais locais de aplicação da Biblioterapia no Brasil e na Polônia; c) verificar as estratégias de desenvolvimento e o público a que se destinam as atividades de Biblioterapia no Brasil e na Polônia.

Como procedimento metodológico aplicou-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin. Sendo assim, os objetivos específicos foram divididos em três categorias de análise: Quem? Onde? Como e para quem? Tais categorias serviram de baliza para analisar as características da Biblioterapia praticada no Brasil e na Polônia.

Artigos analisados

A fim de alcançar os objetivos propostos selecionei artigos sobre a prática biblioterapêutica no Brasil e na Polônia indexados na Library & Information Science Abstracts (LISA) e na BRAPCI – Base de Dados em Ciência da Informação. Além disso, foram incluídos três artigos

da revista polonesa *Przegląd Biblioterapeutyczny*, especializada na temática. Ao todo foram analisados, 10 artigos de periódicos poloneses e 13 artigos de publicações brasileiras.

A seguir apresentamos a relação dos artigos analisados com título, autor, periódico e ano de publicação:

Título	Autor	Revista	Ano
Terapeutyczne funkcje dziecięcej filмотeki wykorzystywanej podczas spotkań z młodym czytelnikiem w Miejskiej Bibliotece Publicznej w Bolesławcu	Dorota Kasprzyk	Przegląd Biblioterapeutyczny	2015
Ja o sobie – zastosowanie biblioterapii w pracy z uczniami klas 4-6 szkoły podstawowej o obniżonej samoocenie	Karolina Urbańska	Przegląd Biblioterapeutyczny	2014
Bibliografia analityczna do zajęć biblioterapeutycznych z osobami zagrożonymi wykluczeniem społecznym, organizowanych w Ośrodku Profilaktyki Rodzinnej oraz w Miejskim Ośrodku Pomocy Społecznej w Chojnicach	Wioletta Karpiak	Przegląd Biblioterapeutyczny	2012
Biblioterapia w Pracy Gdynskiej Biblioteki	Renata Rzepecka-Stenka	Bibliotekarz	2010
Kiedy muszę nauczyć się żyć – biblioterapia dzieci niepełnosprawnych intelektualnie	Lidia Ippoldt	Poradnik Bibliotekarza	2009
Kiedy boje się szkoły? Metody oddziaływan biblioterapeutycznych minimalizujących lek i agresję wśród dzieci i młodzieży	Wanda Matras-Mastalerz	Poradnik Bibliotekarza	2009
Program biblioterapeutyczny	Agata Widzowska-Pasiak	Poradnik Bibliotekarza	2009
Sa Takie Ogrody: Program Terapeutyczny dla Seniorów	Irena Borecka	Poradnik Bibliotekarza	2008
Warsztat Biblioterapeuty	Maria Widerowska	Poradnik Bibliotekarza	2008
„Komputer nie jest realnym światem”: scenariusz zajęć	Lilla Pietrzykowska	Poradnik Bibliotekarza	2008
Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Daiane de Lima; Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2013
Biblioterapia com crianças com câncer	Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto	Informação & Informação	2012
Biblioterapia na melhor idade	Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetto; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2012
A parceria entre Ciência da Informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social	André Anderson Cavalcante Felipe; Jesiel Ferreira Gomes	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2009
A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico	Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	2009

A Biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	Eva Maria Seitz	ETD – Educação Temática Digital	2008
Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Raquel Souza	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2007
Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso	Elaine Rosângela de Oliveira Lucas; Clarice Fortkamp Caldin; Patrícia V. Pinheiro da Silva	Perspectivas em Ciência da Informação	2006
Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em Clínicas Médicas	Eva Maria Seitz	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2006
Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa	Rachel Barbosa de Castro; Edna Gomes Pinheiro	Biblionline	2005
Biblioterapia para a classe matutina de aceleração ¹ da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência	Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2003
A aplicação da biblioterapia em crianças	Silvana Beatriz Bueno; Clarice Fortkamp Caldin	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2002
Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência	Clarice Fortkamp Caldin	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2002

Fonte: Dados obtidos na pesquisa, 2016.

Análise e discussão

Apresento nessa seção, a análise dos artigos baseada nas categorias descritas. Primeiro, revelo quem executa, onde executa e como e para quem executa no Brasil e em seguida apresento a análise com base nos artigos poloneses. Por fim, mostro características da prática nesses dois países e identifico algumas distâncias e aproximações da prática da Biblioterapia nesses dois países.

Biblioterapia no Brasil: quem, onde, como e para quem executa

Com base nos artigos analisados identifiquei quem está envolvido com a prática da Biblioterapia no Brasil: em sua maioria, estudantes e professores do curso de Biblioteconomia. Em apenas três casos, bibliotecárias estiveram à frente das práticas. Os demais envolvidos com as práticas são professoras com graduação em Biblioteconomia e estudantes desse mesmo curso sob a coordenação das docentes.

Em alguns relatos de atividades foi enfatizada a presença de outros profissionais, especialmente quando desenvolvidas em hospitais e asilos. A presença do psicólogo e a colaboração da equipe de enfermagem foi destacada por Caldin (2002), por exemplo, como de

² O Projeto Classe de Aceleração, implantado pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina em 1998, teve como objetivo acelerar os estudos de alunos que se encontravam defasados em relação à idade cronológica/série escolar.

extrema importância para o andamento do projeto realizado no HU/UFSC. No entanto, segundo a autora, tal parceria só ocorreu num primeiro momento e fez grande diferença no andamento das atividades.

No tocante ao quesito onde executa, nos artigos brasileiros, o hospital aparece em cinco dos 13 relatos o que o coloca como o local preferido para aplicação da Biblioterapia no Brasil. Os asilos e escolas aparecem em três relatos cada. Em um artigo a prática acontece num condomínio residencial. E a biblioteca aparece como espaço de aplicação em apenas um relato.

A tendência de levar a Biblioterapia para os hospitais não é nova. Na verdade, ela está fortemente ligada à maneira como a prática se desenvolveu ao longo do tempo. Segundo Hasse (2004), já no século XIII, médicos árabes recomendavam a leitura de trechos do Alcorão aos pacientes. Como relata a autora, até o final do século XIX, as bibliotecas estavam presentes em grande parte dos hospitais europeus e começava a adentrar também os hospitais dos EUA. Hasse (2004) acrescenta ainda que os primeiros estudos sobre os efeitos da literatura sobre os doentes foram publicados por médicos norte-americanos e a prática ganhou força nos hospitais do país, sendo bastante utilizada para tratar os enfermos durante a primeira guerra.

Segundo Maltez (2011, p. 19), nesse período, “a biblioterapia é aplicada por bibliotecários leigos que, a serviço da Cruz Vermelha, ajudam a construção de bibliotecas nos hospitais do exército” e, nesse momento, enfermeiros e médicos americanos que desenvolveram essa prática nos hospitais perceberam que “a leitura era benéfica e calmante para os que estavam em sofrimento”.

Hasse (2004, p.40) esclarece que a Biblioterapia aplicada em hospitais e clínicas de saúde sempre teve um caráter corretivo, mas “quando passou a ser aplicada junto a crianças, adolescentes e jovens, em outros ambientes, como nas escolas, bibliotecas e centros comunitários, ganhou um aspecto preventivo”.

A prevenção ocorre no sentido de que possibilita o desatar dos nós e, com isso, a restauração do equilíbrio perdido, que caso não seja tratado, pode futuramente ocasionar uma patologia de ordem mental ou física. Através da literatura o ser humano pode transpor sua realidade, vivenciar a experiência do personagem, aliviar tensões e refletir sobre si mesmo, o outro e o mundo que o cerca. É dessa forma, que compreendo o potencial terapêutico da literatura enquanto método preventivo.

E foi isso que observei nos relatos brasileiros sobre as práticas que ocorreram em escolas e asilos. Castro e Pinheiro (2005, p.6), por exemplo, afirmam que a atividade biblioterapêutica foi utilizada junto aos idosos por entender que ela é “capaz de fazer os idosos esquecerem as limitações peculiares às derradeiras fases da vida” e com isso, promover a “possibilidade de um envelhecer feliz”.

No relato de Rossi, Rossi e Souza (2007, p.330) as autoras afirmam que a partir da atividade de Biblioterapia foi possível proporcionar para as idosas um momento de “muita alegria e muito carinho que estavam expressos em cada abraço e cada sorriso”, o que se configura como um elemento terapêutico já que a maioria das abrigadas na instituição relatara situação de abandono por parte dos familiares.

Rossi, Rossi e Souza (2007, p.330) concluem que a realização da atividade no abrigo propiciou um “dia diferente àquelas senhoras, proporcionando, através de uma atitude tão simples, sensação de bem-estar, alívio do estresse, aumento da auto-estima, confraternização com todo o grupo”.

No estudo de caso de Lucas, Caldin e Silva (2006) realizado numa creche com crianças em idade pré-escolar foi possível identificar na fala dos autores que a atividade surtiu os efeitos terapêuticos desejados, pois proporcionou às crianças a descontração, o estímulo à criatividade, amenizou os efeitos causados pelo afastamento prolongado da família, e contribuindo para o bem-estar de todas.

Tais efeitos podem ser percebidos pelos aplicadores da Biblioterapia, pois, segundo relatado por eles, as crianças “pareciam muito felizes e gratas pela atenção, carinho e dedicação recebida, ratificando que atividades como as desenvolvidas em todo o trabalho podem auxiliar no amadurecimento afetivo, emocional e físico das crianças envolvidas” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006).

Na atividade realizada por Caldin (2003, p.414) para um público de jovens de uma escola pública, ela observou que “alunos que mostravam muita agressividade modificaram um pouco o seu comportamento, o que foi notório em atividades em equipe”, enquanto “alunos tímidos e reservados apresentavam seus comentários e interpretações, sem medo de cair no ridículo”, e a simpatia de alguns alunos arredios com a aplicadora da biblioterapia também permitiu uma aproximação, “o que possibilitou à mesma a oportunidade de conversar sobre problemas de origens diversas que os angustiavam”.

Nesse caso, os efeitos terapêuticos da biblioterapia podem ser percebidos através das atitudes dos alunos, das conversas informais e dos depoimentos escritos por eles. O que levou a autora a concluir que a “biblioterapia é uma ferramenta útil no combate às tensões da vida diária e age como pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano” (CALDIN, 2003, p.414). Além disso, na experiência de Caldin (2003) foi possível observar a recriação da palavra possibilitada por meio das histórias, ou seja, o despertar da fala falante.

Em outro artigo de sua autoria – que não fez parte do material analisado – Caldin (2011, p.36) relata essa experiência e afirma que “os sentidos escondidos nas histórias vieram à tona, as obras se mostraram abertas, propiciaram o excesso, ou seja, suscitaram mais pensamentos do que os contidos nelas”, dessa maneira, “gradativamente, a fala falada foi cedendo lugar à fala falante. A expressão aconteceu”.

No único relato de atividade de biblioterapia realizado numa biblioteca, Bahiana (2009) destaca que o foco foi dado para o alívio do stress dos graduandos em processo de conclusão do curso com a indicação de literatura específica. Segundo a autora, aqueles que recorreram ao auxílio da literatura garantiram a sua eficácia e, inclusive, sugeriram a implementação de um projeto que utiliza essa prática de forma permanente na universidade, pois auxilia no alívio do stress.

Na identificação de como e para quem são executadas as atividades, com base nos artigos brasileiros percebi que nem todos os relatos apresentavam as práticas de forma bem detalhada, com poucas exceções. O que dificultou, inclusive, identificar em alguns casos se o trabalho foi feito em grupo ou individualmente.

No geral, verifiquei que os textos literários são os materiais mais utilizados pelos aplicadores, mas também houve alguns exemplos de uso de textos informativos, em forma de jornais e revistas. As músicas também estiveram presentes de forma pontual, bem como o teatro e a dança. Mas em nenhum caso foram utilizados filmes ou audiobooks.

No relato de Seitz (2006) ela descreve práticas aplicadas em hospitais onde os encontros ocorriam individualmente no leito dos pacientes. Seitz (2006) conta que visitava os pacientes periodicamente, oportunidade em que conversava com eles sobre as leituras e o estado de saúde. Segundo a autora, esse era um momento gratificante para os interagentes, pois na condição de estarem hospitalizados passavam muito tempo sozinhos sem ter com quem conversar. Vale destacar que a prática executada por Seitz era direcionada aos adultos.

Já no caso descrito por Caldin (2002) as atividades de Biblioterapia estavam voltadas para as crianças internadas e ocorriam de forma coletiva ou individual. As leituras eram feitas em voz alta pela coordenadora e/ou acadêmicos de Biblioteconomia em duas etapas: “a primeira, em grupo para as crianças que podiam se locomover até a Sala de Recreação ou o corredor da Divisão Pediátrica, e, a segunda, leitura individual para as crianças que se encontravam nos leitos” (CALDIN, 2002, p.42).

Antes ou depois da leitura os aplicadores da Biblioterapia sempre conversavam de maneira informal com as crianças e seus acompanhantes com o objetivo de “criar um clima de envolvimento”, e como forma de “resgate das impressões das crianças acerca das histórias” (CALDIN, 2002, p.42). No momento da leitura individual no leito das crianças, a autora relata que era imprescindível a colaboração dos acompanhantes e da equipe de enfermagem, o que nem sempre ocorreu ao longo das atividades, pois às vezes as enfermeiras interrompiam a história para aplicar injeção nas crianças.

Em outro relato de Caldin (2003), dessa vez com estudantes da classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara, além da atividade em grupo, também ocorreram momentos de aplicação individual da leitura terapêutica. Essa etapa se deu ao longo dos últimos meses do projeto. A autora conta que foi escolhido um ambiente fora da sala de aula, sem a presença dos colegas, para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar a leitura e as suas próprias histórias.

Nesses momentos, conta Caldin (2003, p.15), “o aluno tinha a liberdade de escolher o que desejava ser lido. Também era solicitado a fazer a leitura se não ficasse constrangido”. À leitura, se seguia o diálogo, em formato de uma conversa informal sobre questões suscitadas pelo texto e que poderiam se refletir na vida do interagente; a partir dessa troca a aplicadora da biblioterapia e o aluno iam criando laços de confiança. Para finalizar o encontro era solicitado que o aluno expressasse o que quisesse através de palavras num caderno.

Durante as atividades desenvolvidas por Caldin (2003) foram utilizados apenas textos literários, bem como nas experiências relatadas na maioria dos artigos brasileiros analisados, o que ocorre devido à comprovada eficácia do efeito terapêutico da literatura. Como bem afirma Candido (2011, p. 188) “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade”. Isso se deve, sobretudo, ao componente da efabulação dentre outros elementos que foram analisados na fundamentação teórica deste trabalho.

No entanto, em alguns casos, como nos exemplos de Seitz (2006), Bahiana (2009) e Castro e Pinheiro (2005) foram utilizados também materiais informativos, como jornais e revistas. Segundo Castro e Pinheiro (2005, p. 9) oferecer esse tipo de material para o idoso é uma maneira de evidenciar que ele “não está alienado do mundo, que quer manter-se informado e deseja exercer seu direito de cidadania”.

Seitz (2006, p.170) afirma que no caso das pessoas hospitalizadas os jornais e revistas “atuam como um elo de ligação com o mundo exterior, mantendo-os informados sobre os

acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, contribuindo para que continuem se sentindo parte da sociedade”; a autora acredita que dessa forma esse tipo de leitura “poderá agir como estímulo à recuperação”.

No artigo de Felipe e Gomes (2009, p.159), os autores citam inclusive a utilização de textos bíblicos, além dos literários, mas não dão detalhes sobre isso; eles contam que após a leitura ocorriam os diálogos com os idosos, e muitos conseguiam compartilhar suas opiniões e argumentos sobre os assuntos abordados, um fato que, segundo eles, surpreendia “até mesmo os seus cuidadores, que até então lidavam com pessoas quietas, introspectivas e passivas”.

Ainda no artigo de Felipe e Gomes (2009), eles chamam atenção para uma questão recorrente que surge no trabalho biblioterapêutico com idosos: as inúmeras limitações físicas e cognitivas pelas quais eles passam por conta do avanço da idade. Tais limitações impedem muitas vezes que eles leiam, ouçam o que está sendo lido ou compreendam a leitura. Mas os autores destacam que ao longo dos encontros ficou evidente que o afeto e a sensibilidade tiveram “impacto positivo, uma vez que, ela se caracteriza como uma linguagem universal e atinge a todos sem distinção” (FELIPE; GOMES, 2009, p. 159).

Verificada algumas características da prática da Biblioterapia no Brasil, parto agora para a análise dos artigos poloneses a fim de identificar quem são aqueles que executam, onde executam e como e para quem executam a Biblioterapia na Polônia.

Biblioterapia na Polônia: quem, onde, como e para quem executa

Com base nos artigos poloneses analisados foi possível identificar que em seis casos o bibliotecário foi apontado como quem executa a Biblioterapia, sendo que em três deles, referentes aos relatos de práticas, o bibliotecário atua sozinho. Em três casos de sugestão de atividade, além do bibliotecário, foram indicados professores ou pedagogos como possíveis aplicadores. Em outros três exemplos, constatei a presença do termo líder para indicar aquele que executa a atividade, sem fazer menção à formação profissional do mesmo. Em apenas um artigo estava explícita que a atividade deveria ser desenvolvida em sala de aula pelo professor.

Quando a atividade é sugerida, os autores sempre citam a possibilidade de que seja aplicada tanto por bibliotecários quanto por professores ou pedagogos. Mesmo quando não é feita nenhuma menção à profissão do aplicador e consta apenas uma referência ao líder da atividade, compreendo que ela pode ser aplicada por qualquer profissional, em especial os três mais citados. Defendo esse ponto de vista, pelo fato de a maioria dos artigos analisados terem como referência os livros de Irena Borecka.

Dentre os artigos analisados, um é de autoria de Borecka e traz uma sugestão de atividade biblioterapêutica aplicada com idosos. Esse é um dos artigos em que é citado apenas o termo líder, não especificando nenhum profissional como aplicador da atividade. Sendo assim, compreendo que ao especificar o termo líder, tanto Borecka, quanto os demais autores que o utilizam no contexto analisado, fazem menção tanto ao bibliotecário, quanto ao professor ou pedagogo.

Em um dos seus livros, Borecka (2001) defende que esses três profissionais podem usar elementos de Biblioterapia em seus trabalhos cotidianos. Para a autora, mais importante do que a formação são alguns pré-requisitos que a pessoa deve ter para estar à frente de uma atividade com esse caráter, dentre os quais estão: ter empatia, saber se colocar no lugar do

outro, ter a capacidade de identificar as necessidades dos participantes, conhecer bem o potencial terapêutico da literatura e o impacto que pode ter nas pessoas, respeitar a vontade do outro de participar ou não da atividade e conhecer técnicas variadas para trabalhar nos encontros (BORECKA, 2001).

No entanto, mesmo que sejam ressaltadas essas características, a problemática da formação dos aplicadores de Biblioterapia sempre vem à tona. Fato constatado em um dos artigos analisados, no qual a autora Rzepecka-Stenka (2010) faz um relato de prática de Biblioterapia na biblioteca pública e ressalta que todos os bibliotecários que haviam participado da atividade de Biblioterapia foram bem preparados e destacou que esses profissionais inspiram confiança e estão aptos para ajudar os participantes da atividade de acordo com seus conhecimentos e experiência, além de serem membros da *Polish Association of Educators and Animator*, instituição que oferece cursos e treinamentos na área de Biblioterapia. Acima de tudo, a autora ressalta que todos possuem amplo conhecimento de literatura e, portanto, estão capacitados na escolha do material para alcançar os objetivos da atividade biblioterapêutica.

Em relação aos locais de aplicação da Biblioterapia, ou seja, onde executa, identifiquei nos artigos poloneses que os espaços da biblioteca e da escola aparecem como os principais locais de aplicação da Biblioterapia. Em um artigo não aparece a especificação de local para a prática sugerida. Em outro caso, sugere-se que a atividade seja feita em locais abertos, como parques e jardins.

Gostaria de destacar alguns casos específicos como o relato de Karpiak (2012), que discorre sobre uma atividade realizada com grupos de pessoas do Centro de Assistência Social, e o artigo de Kasprzyk (2015) que apresenta uma prática biblioterapêutica executada na midiateca de uma biblioteca pública municipal.

A atividade realizada por Karpiak (2012) ocorreu tanto nas dependências do centro como em outros espaços externos, a exemplo de cinema, biblioteca, sala de computadores, escritórios e restaurantes. Tais lugares foram pensados para que os participantes pudessem explorar espaços distintos e assim se sentirem parte desse todo. Isso demonstra as inúmeras possibilidades quando se pensa numa atividade de biblioterapia, a qual deve ser elaborada de acordo com as necessidades dos participantes.

Como citado anteriormente, a biblioteca, na maioria das vezes, aparece como um local de aplicação da biblioterapia nos artigos poloneses. O diferencial identificado no relato de Kasprzyk (2015) é que a prática relatada ocorre na midiateca da biblioteca. O espaço possui acervo de CDs, DVDs e audiobooks e uma sala de projeção com capacidade para 30 pessoas. Essa proposta foge do uso convencional da sala de leitura.

Outra tendência interessante aparece nas propostas de atividades a serem realizadas na escola. Nesses casos, os autores ressaltam que deve ser executada fora da sala de aula, como citado por Widerowska (2008), Pietrzykowska (2008) e Urbańska (2014).

Urbańska (2014), por exemplo, afirma que os professores podem utilizar elementos biblioterapêuticos no dia a dia da sala de aula, mas sugere que os encontros sejam feitos na biblioteca ou no pátio da escola, como uma atividade extracurricular. Já Pietrzykowska (2008) sugere a sala de informática.

Essa associação do local onde a prática é realizada com o tema que será trabalhado também é feita por Borecka (2008) na sua sugestão de atividades para idosos. Como o texto escolhido para conduzir os encontros versa sobre a temática do jardim, a autora sugere que

a preferência seja por espaços abertos, como parques e jardins, onde os participantes possam se sentir à vontade e tenham a oportunidade de interagir com o meio ao seu redor.

Em se tratando da prática em si, como e para quem executa, verifiquei que as atividades são todas realizadas em grupo e utilizam os textos literários como protagonistas dos encontros, mas há também exemplos de práticas com utilização de músicas e exibição de filmes. Os autores sempre descrevem de forma detalhada as atividades, com indicação dos textos e materiais auxiliares utilizados e exemplificando as técnicas trabalhadas. Faço a análise e descrição de alguns casos que mais me chamaram atenção, ora por serem muito bem detalhados, ora por apresentarem algum elemento novo na maneira como a Biblioterapia é praticada.

Volto a citar a atividade realizada no Centro de Assistência Social e descrita por Karpiak (2012). A autora relata que foram realizados encontros de 30 horas, com grupos de 12 a 15 pessoas, com idade variada, a maioria mulheres, mães solteiras, envolvidas com problemas relacionados a álcool, drogas, pobreza e violência na família. Todos os interagentes estavam desempregados há muito tempo e, portanto, se encaixavam num grupo de pessoas com risco de exclusão social. A atividade biblioterapêutica foi pensada para amenizar esse problema.

Como preparativos da atividade foram realizadas entrevistas com os assistentes sociais e aplicado um questionário para os interagentes com o objetivo de conhecer as preferências de leitura e os interesses de cada um. Para conduzir as atividades foram escolhidos textos que abordavam as temáticas preferidas pelos interagentes. No artigo a autora descreve o material que foi escolhido, com as referências e um breve resumo das obras. Constatam em sua maioria livros de literatura polonesa e uma obra do escritor russo Dostoyevsky. Também foram utilizados filmes, audiobooks, e crônicas e artigos de jornais e revistas (KARPIAK, 2012).

Karpiak (2012) relata que o material utilizado servia de ponto de partida para os encontros, e foram discutidas questões do dia a dia com base nos personagens das histórias lidas. Dessa forma, os interagentes puderam comparar suas vidas com a deles e aprender a partir das experiências e relatos do grupo. De acordo com a autora, as atividades foram proveitosas, pois os envolvidos declararam que acharam válidas as discussões sobre problemas abordados e puderam aprender com os exemplos para evitar situações desagradáveis na vida real. A autora, que foi a aplicadora da Biblioterapia com esse grupo bem específico, conclui que a atividade foi positiva, pois encorajou os participantes a tomarem parte das discussões, falar sobre seus sentimentos e se sentir parte de um grupo.

Outro artigo que chamou atenção pela riqueza de detalhes na descrição de como fazer foi o do Borecka (2008); ela sugere a execução de uma atividade voltada para os idosos. A autora sugere quatro encontros biblioterapêuticos elaborados a partir de trechos de um livro específico intitulado 'Jardim' – *Ogrody* – escrito por Maria Bobrowa.

No artigo de Borecka (2008) ela propõe a realização de quatro encontros com a mesma temática divididos em momentos distintos. Inicialmente, os participantes seriam recebidos com uma música relacionada à temática dos jardins, sempre a mesma nos quatro encontros. Após a recepção, os interagentes iniciariam uma conversa informal sobre um assunto a ser aprofundado a partir do trecho do livro escolhido para o encontro, podendo ser usadas técnicas diferentes de interação para estimular a participação. Em seguida, seria feita a leitura do texto e os interagentes dialogariam sobre as situações vividas pelo personagem do livro escolhido, que também é uma pessoa idosa. Mas, além das discussões, os interagentes também levantariam sugestões e listariam conselhos para o personagem, ao mesmo tempo

em que iriam revisitando suas próprias vidas. Ao longo dos encontros, os idosos, estimulados pela leitura, seriam convidados a falar sobre o seu dia, seus animais preferidos, sua relação com o espaço do jardim, com os jovens, dentre outros assuntos.

Quando o público-alvo é formado por crianças, o que ocorre em oito dos dez artigos poloneses analisados, os modos de fazer acabam se repetindo. A leitura (narração ou dramatização) sempre se faz presente, seguida de um momento de interação com brincadeiras, jogos e encenações, feitas pelos pequenos interagentes. Mas vale chamar atenção para alguns detalhes. Como cada encontro, ou sugestão de atividade, é direcionada para resolver algum tipo de conflito, ou para um grupo específico de crianças, algumas ressalvas são feitas pelos autores.

Como por exemplo, na atividade sugerida para crianças com deficiência intelectual, Ippoldt (2009) propõe a utilização dos contos de fadas, pois estes são de fácil compreensão e ajudam a crianças a identificar e nomear suas emoções e a enfrentar situações difíceis. No entanto, quando se trabalha com esse público específico ela aponta que podem existir possíveis barreiras na compreensão por conta do uso das metáforas, que devem ser amenizadas pelo aplicador da biblioterapia. Para tanto, aponta que a dramatização com uso de fantoches é uma excelente forma de conduzir a atividade, pois acaba envolvendo as crianças e transforma a atividade num momento de brincadeira, e afirma que ao final elas também querem fazer parte da encenação.

No artigo de Matras-Mastalerz (2009) o foco é dado às crianças e adolescentes no contexto escolar que sofrem com problemas de ansiedade e agressão em vários níveis. Ao delinear a problemática ela cita a possibilidade de agressão contra a própria vida, como os casos de anorexia, bulimia e suicídio. Ao retratar esse último caso a autora faz referência à obra do autor brasileiro Paulo Coelho, que aborda a questão do suicídio no livro *Verônica decide morrer*³.

Para trabalhar temas tão delicados, Matras-Mastalerz (2009) afirma que o biblioterapeuta deve criar um ambiente no qual o jovem possa fazer amigos e criar laços fortes, pois uma das causas de agressões é falta de interesse, desânimo, sensação de não pertencimento e incapacidade de falar e ouvir. Ela cita muitos autores e títulos que falam sobre a temática, especialmente de literatura polonesa e sugere a leitura em voz alta com o objetivo de desenvolver a autoestima dos interagentes.

Além disso, afirma que a utilização de músicas nos encontros é benéfica e pode ser conduzida com objetivos diferentes: músicas calmas para fazer o grupo relaxar ou músicas agitadas para liberar tensões. A autora destaca ainda o exercício de escrever cartas como um meio de dar voz aos sentimentos. Nesse caso, o interagente teria que redigir uma carta para uma pessoa que a machucou ou alguém que foi vítima de sua agressão. Depois de escrita, a carta poderia ser destruída ou entregue ao destinatário (MATRAS-MASTALERZ, 2009).

Além dos textos de literatura, alguns artigos poloneses fazem referência à utilização de filmes nas atividades biblioterapêuticas. Kasprzyk (2015), por exemplo, relata a prática biblioterapêutica realizada na biblioteca pública municipal de Bolesławiec, onde ocorrem exibições de filmes com fins terapêuticos para as crianças e os adolescentes. Segundo a autora, no contexto da Biblioterapia o filme é entendido como uma variação estética do livro, e afirma que é a literatura audível e visível; da mesma forma que o texto, serve como estímulo para as discussões e para despertar os mesmos efeitos terapêuticos que a literatura escrita.

³ COELHO, Paulo. *Verônica decide morrer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

No entanto, mesmo assim, em seu relato Kasprzyk (2015) ressalta que nas atividades com esse fim realizadas na biblioteca de Bolesławiec o filme nunca é apresentado isoladamente, sempre está aliado com a literatura e com alguma atividade artística. Por vezes, ocorrem oficinas de artes manuais sobre a temática.

Kasprzyk (2015) chama atenção para o fato de que a oferta de filmes adequados para atividades terapêuticas é muito grande e isso requer cuidado na hora da escolha, levando em consideração as características e necessidades do público. Ao longo do artigo ela faz referência a vários filmes, séries e documentários que podem ser apresentados com objetivos específicos a critério do bibliotecário ou a pedido dos professores que conduzem os estudantes para os encontros biblioterapêuticos.

Essas foram algumas características que identifiquei com base nos artigos poloneses. A seguir teço algumas considerações a respeito das distâncias e aproximações verificadas na prática do Brasil e da Polônia descrita na literatura analisada.

Biblioterapia no Brasil e Polônia: principais semelhanças e diferenças

No geral, a análise dos artigos, tanto os brasileiros quanto os poloneses, revelou que os bibliotecários estão presentes na execução das atividades de Biblioterapia. Mas no Brasil, as práticas em sua grande maioria, ou seja, em dez dos treze casos analisados, estão ligadas a projetos de extensão de universidades, que são coordenados por docentes com formação em Biblioteconomia e contam com a participação de estudantes dessa mesma área e, portanto, futuros bibliotecários.

Em relação aos artigos poloneses, dos dez analisados nove citavam (ou davam a entender) o bibliotecário como aplicador ou possível aplicador. Apenas em um caso estava explícito que a atividade deveria ser desenvolvida por professores.

Um fato interessante observado nos artigos poloneses é o uso recorrente do termo biblioterapeuta para designar os profissionais envolvidos com as atividades de Biblioterapia. Enquanto no Brasil há uma discussão acerca dessa classificação e, por conta disso, nos artigos analisados o termo é pouco utilizado, na Polônia parece haver um consenso com relação à utilização da palavra.

No Brasil, há divergências quanto ao uso do termo, pois enquanto alguns estudiosos entendem que biblioterapeuta se refere ao profissional da área médica, outros o utilizam sem cerimônia; além disso, muito se questiona sobre o papel do bibliotecário na prática biblioterapêutica.

Pinto (2005, p. 42), por exemplo, defende que o bibliotecário pode atuar nessa área, no entanto, “a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo”.

Guedes (2013, p. 244), por outro lado, afirma que o papel do bibliotecário dentro da Biblioterapia é o de mediador da informação, ou seja, cabe a ele selecionar “materiais informacionais adequados para disseminar informações às pessoas com determinadas necessidades”.

Caldin (2010, p.46), no entanto, defende que os bibliotecários podem atuar nas atividades biblioterapêuticas e que em nenhum momento eles devem ser vistos como analista ou terapeuta, pois não intervêm no processo, “deixam ao cargo do leitor, do ouvinte, ou espectador, a interpretação de textos de acordo com as emoções, necessidade ou interesse indivi-

duais”. Por conta disso, a autora não faz uso do termo biblioterapeuta, ela prefere chamar aquele que conduz a prática biblioterapêutica de aplicador da biblioterapia.

Em comum, tanto na prática dos brasileiros quanto dos poloneses está o aspecto da interdisciplinaridade, uma característica muito enfatizada nos trabalhos dos dois países. Em determinados contextos, como nos hospitais, asilos ou mesmo escolas, é imprescindível que o trabalho de Biblioterapia seja conduzido de forma interdisciplinar. É isso que defende Witter (2004, p.196) ao afirmar que a interdisciplinaridade é o “caminho a trilhar pelo profissional que deseja recorrer à Biblioterapia”.

Esse aspecto também foi identificado em alguns artigos poloneses, que citam a presença de outros profissionais além do bibliotecário para dar suporte à atividade de biblioterapia, a exemplo do relato de prática de Kasprzyk (2015) realizada com estudantes na biblioteca pública de Bolesławiec.

Nesse exemplo, Kasprzyk (2015) enfatiza que, como os grupos recebidos na biblioteca, em sua maioria, são de estudantes, os bibliotecários sempre contam com a parceria de professores, psicólogos ou pedagogos da escola. E ressalta que essa presença é essencial especialmente quando se trabalha com grupos de adolescentes, pois os problemas levantados por eles requerem o conhecimento de um especialista.

Uma das distâncias mais marcantes entre a prática aplicada nos dois países, foi o fato da biblioteca aparecer como local de aplicação da Biblioterapia em apenas um artigo brasileiro. Já nos artigos poloneses analisados a biblioteca aparece como espaço de prática em seis casos explicitamente, três relatos de práticas e três sugestões de atividades.

Percebe-se que no Brasil a Biblioterapia é executada principalmente em hospitais, asilos e escolas. Na Polônia, nas bibliotecas, escolas e espaços variados, a exemplo de parques, jardins e centros de assistência social. A escola aparece como o local onde a Biblioterapia está presente nos dois países. Isso se deve, talvez, ao fato da leitura estar ligada ao espaço de aprendizagem.

Em polonês, por exemplo, o que denominamos de Biblioterapia de Desenvolvimento também pode ser chamada de Biblioterapia Educacional, que segundo Borecka (2001) pode ajudar estudantes que estejam enfrentando problemas de aprendizagem, dentre outros, contribuindo dessa forma para a saúde física e psicológica dos mesmos. No caso polonês, a sugestão de atividade voltada para estudantes com problema de baixa auto-estima e agressão no ambiente escolar ilustra bem a aplicação da biblioterapia educacional descrita por Borecka. Já no caso brasileiro, o exemplo de prática de Caldin com os alunos da classe de aceleração ilustra bem esse conceito.

Na prática da biblioterapia observada a partir dos artigos brasileiros, fica evidente a preferência dos aplicadores pelo público de idosos, crianças e pessoas hospitalizadas. No caso da Polônia esse último público não está presente e a maioria das atividades é voltada para as crianças.

Em relação ao fazer em si, observo poucas distâncias e algumas aproximações sobre como ocorre a prática nesses dois países. No Brasil os textos escritos são muito presentes, em detrimento de outros tipos de materiais, a exemplo dos recursos audiovisuais. Apenas no relato de Rossi, Rossi e Souza (2007) foi especificada a exibição de um vídeo de uma apresentação de dança, temática da história trabalhada com as idosas, e a reprodução de músicas, no caso marchinhas de carnaval de décadas passadas, executadas como pano de fundo durante o diálogo com as interagentes. Já na Polônia, o recurso de filmes e da música

está bem presente como outra forma de expressão do texto literário, que ocupa lugar de destaque nas práticas, mas sem prescindir do texto na sua forma escrita.

No geral, o modo de execução da Biblioterapia tanto no Brasil quanto na Polônia, independente do público a que se destina, conta com o elemento do diálogo e da interação baseados na literatura. O afeto, como bem observou Felipe e Gomes (2009), também é constantemente citado como um elemento terapêutico. Essa troca tem uma via de mão dupla, além de dar o aplicador da biblioterapia também recebe, como concluem Lima e Caldin (2013, p.618), ao afirmar que “as crianças proporcionavam muitos momentos bons à acadêmica, que sentiu o afeto da turma”.

Esse aspecto também foi observado por Caldin (2003, p.16) que afirmou que a “leitura do texto literário, as atividades lúdicas, o carinho e afeto partilhados, fortaleceram o grupo como um todo e demonstraram que, de fato, a biblioterapia é uma ferramenta útil no combate às tensões da vida diária”, além de agir como “pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano”.

Sem dúvida, com base nos exemplos analisados dos dois países, a Biblioterapia se configura como uma prática “econômica, democrática e de resultado”, o que a torna uma “uma estratégia particularmente útil para os que estão preocupados com o social, que atuam instituições ou na comunidade” (WITTER, 2004, p. 195).

Considerações finais

A partir da análise apresentada foi possível observar algumas semelhanças e diferenças da prática da biblioterapia nesses dois países. Dentre as semelhanças, eu destacaria está a utilização dos textos literários e a presença dos elementos do diálogo e da interação como o modo de fazer da Biblioterapia. O que vem reforçar a importância não só da literatura e sua potência terapêutica, mas também confirma que o compartilhamento dos pensamentos, sentimentos e emoções suscitados pelas histórias é um aspecto imprescindível na prática biblioterapêutica.

Em relação às diferenças, os artigos brasileiros revelaram que a atuação do bibliotecário na prática da Biblioterapia é pequena e o espaço da biblioteca é pouco explorado para as atividades desse tipo. Já nos exemplos poloneses a prática biblioterapêutica aparece com destaque, em especial, nas bibliotecas e os bibliotecários são citados como aplicadores das atividades.

Tenho consciência que o recorte utilizado para a análise foi pequeno e pode ter influenciado esse resultado. Talvez, os bibliotecários que atuam com a Biblioterapia no Brasil simplesmente não estão publicando sobre suas experiências. Ou ainda, publicam, mas em outros meios que não os periódicos científicos.

Para mim, o resultado da análise suscitou curiosidade sobre a temática da prática da Biblioterapia tanto em terras brasileiras quanto em outros países. O que poderei contemplar em trabalhos futuros com uma abordagem mais ampla que possa delinear um retrato mais definido de quem são os profissionais que atuam com a Biblioterapia, onde eles estão atuando, de que forma fazem e para quem direcionam as atividades de Biblioterapia.

Referências

- BAHIANA, N. D. S. A. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-79, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7427>>. Acesso em: 24 ago. 2016
- BERNARDINO, M. C. R.; ELLIOTT, A. G.; ROLIM NETO, M. L. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, 198-210, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/13322>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- BORECKA, Irena. **Biblioterapia forma terapii pedagogicznej**. Walbrzych: Wyższej Szkole Zawodowej w Walbrzychu, 2001.
- BORECKA, Irena. Sa Takie Ogrody: Program Terapeutyczny dla Seniorow. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 6, p. 29-32, 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57726859/DF78DA63437D45E3PQ/15?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- BUDZINSKA, Anna. Arteterapia ze szczególnym uwzględnieniem biblioterapii na łamach wybranych czasopism dla bibliotekarzy (Poradnik Bibliotekarza”, „Bibliotekarz”, „Biblioteka w Szkole”) w latach 2009 – 2011 – próba bibliografii adnotowanej. **Przegląd Biblioterapeutyczny**, v. 1, n. 1, p. 77-110, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotekacyfrowa.pl/Content/62927/Przeglad_biblioterapeutyczny_2014_IV_1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2016.
- BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 157-170, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8129>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Wolfgang Iser. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, p. 1-7, out. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out12/Art_04.htm>. Acesso em: 28 dez. 2012.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a Biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n. 2, p. 23-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1932/2053>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, n. 21-22, jan. / ago. 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6727/1/2005_03.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Bi-**

- blioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 10-17, jan. /dez. 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8117>>. Acesso em: 24 ago 2016.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 7, n. 14, p. 38-54, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1329>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CASTRO, R. B.; PINHEIRO, E. G. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, Paraíba, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9269>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- CZERNIANIN, Wiktor. Catharsis in Poetry Therapy. **Polish Journal of Applied Psychology**, Wrocław, v. 12, n.2, p. 25-38, 2013. Disponível em: <<http://www.pjap.psychologia.uni.wroc.pl/sites/default/files/Czernianin.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.
- FELIPE, A. A. C.; GOMES, J. F. A parceria entre ciência da informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 147-163, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/14181>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- GUEDES, Mariana Giuberti. **A Biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13659/1/2013_MarianaGiubertiGuedes.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2015.
- HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico**. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.
- IPPOLDT, Lidia. Kiedy musze nauczyć się życia -- biblioterapia dzieci niepełnosprawnych intelektualnie. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 3, p. 33-37, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/964166968/DF78DA63437D45E3PQ/11?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago 2016.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1999. v.2.
- KARPIAK, Wioletta. Bibliografia analityczna do zajęć biblioterapeutycznych z osobami zagrożonymi wykluczeniem społecznym, organizowanych w Ośrodku Profilaktyki Rodzinnej oraz w Miejskim Ośrodku Pomocy Społecznej w Chojnicach. **Przegląd Biblioterapeutyczny**, n. 2, p. 105-130, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/docmetadata?id=64463&from=publication>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- KASPRZYK, Dorota. Terapeutyczne funkcje dziecięcej filmoteki wykorzystywanej podczas spotkań z młodym czytelnikiem w Miejskiej Bibliotece Publicznej w Bolesławcu. **Przegląd Biblioterapeutyczny**, n. 1, p. 33-64, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/docmetadata?id=64463&from=publication>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 18, n. 1, p. 599-622, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11984>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- LUCAS, Elaine. R. de Oliveira.; CALDIN, Clarice Fortkamp.; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/4279>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues dos Santos. **A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência**. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares) – Universidade Aberta, Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2302/1/Cristina%20Maltez.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.
- MATRAS-MASTALERZ, Wanda. Kiedy boje sie szkoly? Metody oddziaływania biblioterapeutycznych minimalizujących lek i agresje wśród dzieci i młodzieży. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 6, p. 36-39, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1684420474/DF78DA63437D45E3PQ/13?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- PIETRZYKOWSKA, Lilla. „Komputer nie jest realnym światem”: scenariusz zajęć. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 5, p. 31-32, 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57677125/DF78DA63437D45E3PQ/18?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- PINTO, Virgínia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v17n1/03.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n. 2, p. 322-340, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8033>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- RZEPECKA-STENKA, Renata. Biblioterapia w Pracy Gdynskiej Biblioteki. **Bibliotekarz**, n.5, p. 14-16, 2010. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1504414688/DF78DA63437D45E3PQ/5?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- SEITZ, Eva M. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do hospital universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 9, n. 2, p. 145-169, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/5022>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- SEITZ, Eva M. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8079>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- SZULC, Wita. Biblioterapia z Internetu: na podstawie opracowania Noli Kostner Aiex. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 11, p. 11-13, 2000. Disponível em: <<http://search>.

proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57571946/DF78DA63437D45E3PQ/12?accountid=26642>. Acesso em: 25 ago 2016.

WIDEROWSKA, Maria. Warsztat Biblioterapeuty. **Poradnik Bibliotekarza**, n.1, p. 34-37, 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57699962/DF78DA63437D45E3PQ/1?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

WIDZOWSKA-PASIAK, Agata. Program biblioterapeutyczny – osvajanie straszaków. Część druga. **Poradnik Bibliotekarza**, n. 2, p. 35-39, 2009. Disponível em: <<http://search.proquest.ez46.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1221405596/DF78DA63437D45E3PQ/10?accountid=26642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004.

URBAŃSKA, Karolina. Ja o sobie – zastosowanie biblioterapii w pracy z uczniami klas 4-6 szkoły podstawowej o obniżonej samoocenie. **Przegląd Biblioterapeutyczny**, n. 1, p. 34-49, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotekacyfrowa.pl/dlibra/publication?id=62930&tab=3>>. Acesso em: 25 ago. 2016.